



# CHARIS

MAGAZINE 

EDIÇÃO ESPECIAL · No. 1 - ANO 2019 // [www.charis.international](http://www.charis.international)

## **Compartilhar o batismo no Espírito Santo**

Papa Francisco

## **O nascimento do CHARIS**

Cardeal Kevin  
Farrell

## **Pedro, tu me amas?**

Pe. Awi Mello

## **Uma corrente para toda a igreja**

Pe. Raniero  
Cantalamessa





O CHARIS iniciou oficialmente seus serviços no Domingo de Pentecostes, dia 9 de junho de 2019, após uma semana intensa de encontros e de oração. Meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para o sucesso deste evento. Vários momentos de graça vêm à mente - o encorajamento do Papa Francisco; a oração ao Espírito Santo com o Papa; o inesquecível e longo período de canto em línguas na Sala de Audiência Paulo VI; as fortes palavras do Cardeal Kevin Farrell; o ensino do Frei Raniero Cantalamessa... Nesta primeira edição do CHARIS Magazine, reunimos para você estas intervenções que marcarão o futuro da Renovação Carismática Católica. Queríamos publicá-las na íntegra - apesar de seu tamanho - para permitir que todos lessem e meditassem como merecem. A leitura desses textos permitirá que você entenda o desenvolvimento de CHARIS e também o que a Igreja espera desse novo serviço exclusivo para essa corrente de graça.

#### **Primeira reunião do Serviço Internacional de Comunhão**

Além do Encontro de Líderes da Renovação Carismática Católica (650 participantes de 69 países), o Serviço Internacional de Comunhão iniciou o seu trabalho. Esta primeira reunião foi muito proveitosa. Permitiu que os membros se conhecessem uns aos outros, rezassem juntos e tomassem as primeiras decisões importantes para organizar o novo serviço exclusivo para esta corrente de graça. É impossível resumir aqui os quatro dias de intensas reuniões. Aqui estão alguns dos pontos abordados:

- Formação: uma comissão foi criada com o Andres Arango e Cyril John para expandir o legado de formação que o ICCRS nos deixou;
- Finanças: uma comissão composta por Etienne Mellot, François Prouteau e eu vamos começar a trabalhar. Os recursos do CHARIS virão apenas de doações - as suas doações. Significa trabalhar na captação de recursos e na organização de um sistema de contabilidade.

- A Comissão Teológica (Mary Healy, Etienne Vetö, Jean Barbara, Johannes Fichtenbauer, Julia Torres) começarão a trabalhar para refletir sobre Ecumenismo e também para trabalhar em propostas concretas de pastorais.

- O CHARIS refletirá também sobre a criação de um novo Curso de Formação em Ecumenismo.

- A Comissão de Koinonia para as comunidades originárias da Renovação Carismática foi criada com a participação de Shayne Bennett, Johannes Fichtenbauer, Jean Barbara e François Prouteau). A comissão preparará vários eventos, incluindo a reunião internacional de comunidades em Recife (Brasil) de 14 a 16 de janeiro de 2020.

- Para os jovens abaixo dos 30, o CHARIS fará uma adaptação da formação dada para líderes. Também queremos organizar um grande evento para jovens em Lisboa, para a JMJ de 2023.

- Para apoiar o serviço aos pobres, uma coleta foi feita no sábado, dia 8 de junho, resultando em aproximadamente € 16.000. Obrigado por sua generosidade. Metade desse valor será doada para o eleemosinário do Papa (responsável pelas esmolas), Cardeal Konrad Krajewski.

- Uma Comissão Pastoral também foi criada com Etienne Mellot para pensar sobre várias maneiras de propagar a graça do Batismo no Espírito em toda a igreja.

Como podem ver, há muito trabalho. Obrigado por seu apoio e desfrutem da leitura da nossa **NOVA MAGAZINE!**

Endereço: Palazzo San Calisto, 00120 - Vaticano  
 Telefone: +39 06 698 87126/27  
 Fax: +39 06 698 87224  
 Website: [www.charis.international](http://www.charis.international)  
 Email: [info@charis.international](mailto:info@charis.international)

**Pág. 4**  
**Compartilhar o batismo no Espírito Santo**  
*Papa Francisco*

**Pág. 8**  
**O nascimento do CHARIS**  
*Cardeal Kevin Farrell*

**Pág. 14**  
**Pedro, tu me amas?**  
*Pe. Awi Mello*

**Pág. 17**  
**A Renovação Carismática Católica: Uma Corrente de Graça para toda a Igreja**  
*Pe. Raniero Cantalamessa, OFM Cap*

**Pág. 28**  
**Beata Irmã Rani Maria - A primeira carismática a ser beatificada**  
*Cyril John*

**Pág. 29**  
**O que significa o logo do CHARIS?**  
*Jean-Luc Moens*

**Pág. 30**  
**Formação oferecida pelo CHARIS**

#### **Créditos Fotográficos**

**Capa** - Roberto Ricci  
**Pág. 2, 4, 17** - L'Osservatore Romano  
**Pág. 6, 9, 12, 14** - Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida  
**Pág. 10, 18, 20, 23, 27** - Walter Cascioli



# Um novo e único serviço de comunhão

na pessoa do Cardeal Farrell, que os acompanhou.

Hoje começa uma nova etapa nesta jornada. Uma etapa marcada pela comunhão entre todos os membros da família carismática, em que se manifesta a poderosa presença do Espírito Santo para o bem de toda a Igreja; em que esta presença faz todos iguais, porque todos e cada um é nascido do mesmo Espírito; grandes e pequenos, ricos em anos e recém-nascidos, engajados em um nível universal ou local, formam o todo, que é superior à parte.

## Um novo e único serviço de comunhão

Novo. Como eu te disse no Circus Maximus, o novo pode desestabilizar. No começo há um sentimento de insegurança sobre as mudanças que o novo pode trazer. Um certo medo do novo é humano, mas não é o caso das pessoas espirituais: “Eu faço novas todas as coisas”, diz o Senhor no livro de Apocalipse (21,5). As novidades de Deus são sempre de bênção, porque procedem do seu coração amoroso. Está sempre presente a tentação de dizer: “Estamos bem como estamos, as coisas estão indo bem, por que mudar? Deixemos assim como está, porque já sabemos como fazer”. Este pensamento não vem do Espírito, pelo menos não do Espírito Santo, talvez do espírito do mundo... Não caia nesse erro. “Eu faço novas todas as coisas”, diz o Senhor.

Único. Um serviço para todas as realidades carismáticas que o Espírito criou no mundo. Não é um organismo que serve algumas realidades e um outro organismo que serve outras realidades e um terceiro... e assim por diante.

Serviço. Não governo, serviço. É claro que sabemos que na Igreja também o governo é um serviço, mas não é seu. Você é solicitado a atender às diferentes necessidades e a acompanhar a jornada da melhor maneira possível.

Comunhão. Todos com o mesmo coração voltado para o Pai para dar testemunho de unidade na diversidade. Diversidade de carismas que o Espírito despertou nesses 52 anos. “Ampliem as tendas”, como diz Isaías 54,2, para que todos os membros da mesma família possam estar lá. Uma família onde existe apenas um Deus Pai, um Senhor Jesus Cristo e um Espírito que dá vida. Uma família em que um membro não é mais importante que o outro, nem por idade, nem por inteligência, nem por suas habilidades, porque todos são filhos amados do mesmo Pai. O exemplo do corpo que São Paulo nos dá é muito eloquente nesse sentido (1 Coríntios 12,12-26).

Eu vi que no Serviço Internacional de Comunhão há um representante dos jovens. Eu saúdo! Os jovens são o presente e o futuro da Igreja. Fico

## Compartilhar o batismo no Espírito Santo

**Em seu discurso do 8 de junho, para 4.500 membros da Renovação Carismática Católica Mundial, o Papa Francisco explicou claramente o que é o CHARIS e o que a Igreja espera dele.**

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Sim, Jesus está vivo! Obrigado porque você lembra que eu gosto dessa música.

Nesta solenidade de Pentecostes, uma nova etapa começa na jornada iniciada pela Renovação Carismática há 52 anos. Renovação Carismática que se desenvolveu na Igreja pela vontade de Deus e que, parafraseando São Paulo VI, “é uma oportunidade para a Igreja” (cf. *Discurso aos participantes do III Congresso*

*Internacional da Renovação Carismática Católica, 19 de maio de 1975, Pentecostes).*

Hoje, em nome da Igreja, agradeço ao ICCRS e à Fraternidade Católica pela missão cumprida nestes trinta anos. Com lealdade vocês abriram o caminho e tornaram possível que CHARIS seja uma realidade hoje. Obrigado!

Obrigado também à equipe de quatro pessoas que eu confiei esse novo serviço; e ao Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida,



feliz que vocês tenham lhes dado visibilidade e responsabilidade que pertencem a eles.

Eu também fiquei sabendo que CHARIS agora possui os direitos de publicar os Documentos de Malines. Coisa boa. Divulguem-os! Eu lhe disse em várias ocasiões que são o “documento de acompanhamento” da corrente da graça.

Você me pediu para lhe contar o que o Papa e a Igreja esperam deste novo serviço, de CHARIS e de toda a Renovação Carismática, então:

- Quem compartilhem o Batismo no Espírito Santo com todos na Igreja. É a graça que você recebeu. Compartilhe-o!
- Que servam a unidade do corpo de Cristo que é a Igreja, uma comunidade de crentes em Jesus Cristo, o Senhor.
- Que servam os pobres, os mais necessitados de todas as necessidades, físicas e espirituais.

Estas três coisas: Batismo no Espírito Santo, unidade do Corpo de Cristo e serviço aos pobres, são o testemunho necessário para a evangelização do mundo, para o qual todos nós somos chamados no nosso batismo. Evangelização que não é proselitismo mas principalmente testemunha. Testemunho de amor: “olha como eles se amam”, é o que atraiu a atenção daqueles que conheceram os primeiros cristãos. “Veja como eles se amam”. Evangelizar é amar. Compartilhando o amor de Deus por todo ser humano. Organizações podem ser feitas para evangelizar, programas podem ser projetados e estudados com cuidado. Se não há amor, é inútil! “Veja como eles se amam”.

Renovação carismática, corrente de graça do Espírito Santo, seja testemunha deste amor! E por favor orem por mim.

E agora, eu gostaria de antecipar vinte e cinco minutos – depois, se você quiser, você pode fazer isso sozinho – mas junto com você eu gostaria de antecipar o ato que toda a Igreja realiza hoje: um minuto de silêncio pela paz. Por quê? Porque hoje é o aniversário, o quinto aniversário, da reunião aqui no Vaticano entre os presidentes do Estado da Palestina e do Estado de Israel. Nós oramos juntos pela paz, e em todo o mundo hoje às treze horas, haverá um momento de silêncio. Vamos fazer isso agora, antes da bênção, todos juntos, em pé.

Obrigado. Para uma comunidade da Renovação ficar em silêncio é algo quase heróico! Obrigado!

## COMUNIDADES

**COMUNIDADES CARISMÁTICAS,  
EM TODO O MUNDO, SÃO  
CONVIDADAS A REGISTRE-SE  
COM O CHARIS. ACESSAR:**

**[WWW.CHARIS.INTERNATIONAL](http://WWW.CHARIS.INTERNATIONAL)**

**AS COMUNIDADES  
REGISTRADAS SERÃO  
INCENTIVADAS A PARTICIPAREM  
DE ATIVIDADES ORGANIZADAS  
PELO CHARIS.**

# O Nascimento do CHARIS

## e sua importância para a Renovação Carismática Católica

### Discurso do Cardeal Kevin Farrell durante a Conferência de Líderes (Quinta-feira, 6 de junho).

Estou grato por esta oportunidade de vir e falar diante de tantos líderes da Renovação Carismática Católica sobre a visão, que gerou a existência do CHARIS, e sobre a razão da importância do CHARIS para o futuro da Renovação Carismática e para a Igreja. Em particular, gostaria de agradecer a Jean-Luc Moens, Moderador do CHARIS, e ao Frei Raniero Cantalamessa O.F.M., Assistente Eclesiástico, bem como cumprimentar os membros do Serviço Internacional de Comunhão.

#### CHARIS: uma iniciativa Papal

Quando se fala da origem do CHARIS, a primeira coisa a salientar é que a ideia provém diretamente do próprio Papa Francisco. Acho que ele surpreendeu quase todo mundo quando escreveu aos Presidentes do ICCRS e da Fraternidade Católica em 2015 pedindo-lhes, inicialmente, que refletissem sobre as vantagens de se formar um único serviço para a Renovação Carismática Católica em todo o mundo e, então, em uma segunda carta, pedindo-lhes para que se inserissem ativamente no processo que levou à criação do CHARIS.

### É absolutamente necessário fortalecer a unidade na Renovação Carismática Internacional

Penso que está claro para todos nós que o principal objetivo do Santo Padre não era organizacional, mas pastoral. Como um bom pastor ele acompanhou o processo desde o primeiro dia. Posso lhes dizer que, durante o período de três anos que antecedeu o estabelecimento do CHARIS, o Santo Padre pediu-me freqüentemente notícias sobre como o projeto estava progredindo.

#### Um momento especial na história da Renovação Carismática

As cartas do Papa Francisco relativas ao CHARIS dizem claramente que o testemunho que a Renovação Carismática dá à Igreja é mais eficaz quando é um testemunho de unidade e de serviço, que aqueles que lideram devem lutar por isto, e que é absolutamente necessário fortalecer a unidade na Renovação Carismática Internacional. Ele também salienta que estamos atualmente em um tempo especial na história da Renovação Carismática Católica, depois de cinquenta anos, é um bom momento para fazer um balanço das coisas e pensar honestamente sobre a melhor maneira de servir ao Senhor e à Sua Igreja.

Não devemos nos surpreender que o Santo Padre tenha ideias muito específicas sobre o papel da Renovação Carismática Católica, porque ele mesmo explicou que, como Bispo, ele lentamente passou a apreciar o desenvolvimento de uma vida cristã autêntica proporcionado pelo Batismo no Espírito Santo; e ao final de seu tempo como Arcebispo de Buenos Aires ele também foi o delegado da Conferência Episcopal da Argentina para a Renovação Carismática Católica. A visão que o Papa Francisco estabelece para a Renovação Carismática Católica e as tarefas que ele tem estabelecido para seus líderes e para seus membros fazem parte de como o Papa Francisco exerce o carisma de Pedro, e de como ele procura cumprir sua missão como Pastor da Igreja Universal. O que o Papa demanda da Renovação Carismática Católica hoje e para o futuro requer que ela compreenda a si mesma como um instrumento pastoral a serviço do Sucessor de Pedro. Isso significa que devemos compreender com profunda docilidade que a Renovação Carismática Católica não pertence aos seus membros, mas sim, à Igreja. Isso pode nos surpreender: afinal, a Renovação



Cardeal Kevin Farrell  
Prefeito do Dicastério para  
os Leigos, a Família e a Vida

não foi uma iniciativa episcopal ou pontifícia. A Renovação Carismática realmente tem crescido de baixo para cima, de pessoa para pessoa, através de uma série de iniciativas privadas, movidas pelo Espírito, como um incêndio florestal impulsionado por um poderoso vento.

Trata-se de um cumprimento do desejo de Jesus: “Eu vim para incendiar a terra e gostaria que ela já estivesse acesa” (Lc 12, 49). E, no entanto, muitas vezes é assim que o Espírito move a Igreja: mudando a vida das pessoas através de um encontro pessoal com Ele, convencendo Pastores a prestarem atenção - para discernir e então confirmar a presença do Espírito e encorajar Sua obra divina. Há exemplos disso ao longo da história da Igreja. Basta considerar a vida de Francisco de Assis, homem leigo que permitiu a Deus moldar a sua vida e, ao fazê-lo, lançou a centelha para uma profunda renovação da Igreja cujos frutos são ainda visíveis hoje. De fato, quando o Papa Francisco fala da Renovação Carismática Católica como uma “corrente de graça”, recorda-nos de como o então Cardeal Ratzinger falou do dom que foi dado à Igreja através da docilidade de Francisco de Assis. Sim, existem ordens e comunidades franciscanas, mas há uma corrente espiritual que as envolve e ultrapassa e que se tornou patrimônio de toda a

Igreja. Da mesma forma, a Renovação Carismática Católica tem dado origem a comunidades e institutos específicos, mas essa corrente de graça vai além deles, e não pertence a nenhum deles.

O Papa Francisco exorta, portanto, a Renovação a adentrar numa maturidade eclesial cada vez mais profunda em relação à sua identidade e missão, e o CHARIS é o instrumento dado a serviço desse processo de maturidade. A Renovação Carismática Católica, por causa desta identidade eclesial, recebe a confirmação de sua identidade dos Pastores da Igreja.

O amadurecimento gradual da Renovação Carismática Católica e sua identidade eclesial é algo que todos os Romanos Pontífices que conheceram a Renovação encorajaram e acompanharam.

São Paulo VI, dirigindo-se ao Congresso Carismático Internacional em Roma em 1975, apresentou um autêntico discernimento eclesial quando confirmou a Renovação Carismática Católica como “uma oportunidade para a Igreja e para o mundo” e sublinhou três princípios de discernimento estabelecidos por São Paulo a fim de melhor “examinar tudo e reter o que é bom” (I Ts 5,12). Esses princípios são:

- 1) Fidelidade à doutrina autêntica da fé - se algo contradiz a fé, não vem do Espírito;
- 2) Dar prioridade aos dons superiores - os dons superiores são aqueles dons dados a serviço do bem comum;
- 3) A busca da caridade - porque somente o amor une todos os dons e os tornam perfeitos (Cl 3, 14).

## A Renovação Carismática Católica é um instrumento de escolha da Igreja em seu esforço ecumênico

Quando São João Paulo II falou aos participantes da Quarta Conferência Internacional de Líderes em 1981, ele repetiu esses princípios como sendo fundamentais para aqueles que lideram a Renovação Carismática Católica, e observou como, desde 1975, os líderes da Renovação já haviam “desenvolvido uma visão eclesial mais abrangente e [...] implementaram esforços para tornar essa visão cada vez mais uma realidade para aqueles que dependem de suas orientações”.

Foi também São João Paulo II, durante o Grande Jubileu do ano 2000, em uma mensagem ao Encontro Mundial da Renovação Carismática Católica, que convocou a Renovação Carismática - e as comunidades inseridas na Renovação em particular - a avançar para uma maior maturidade eclesial, e encarregou a liderança internacional de ajudar a desenvolver ainda mais essa consciência eclesial.

Quando o Papa Bento XVI falou em um encontro da Renovação Carismática Católica na véspera do Pentecostes de 2012, convidou-os a acolher o poder do Espírito Santo a fim de se “crescer em confiança e em abandono à Sua vontade, em fidelidade à nossa vocação e no compromisso de se tornar adultos na fé, na esperança e na caridade, [...] maduros e responsáveis, [...] pequenos, humildes e servos diante de Deus”. Para essa maturidade, ele sublinhou a importância de um “humilde e desinteressado” exercício de dons para o bem comum, construído solidamente sobre a rocha da Palavra de Deus (Mt 7, 24-25), e guiado pela docilidade ao Magistério da Igreja.

É evidente que esse caminho de maturidade eclesial, como afirmou o Papa Francisco, está entrando em

uma nova fase, e o CHARIS é um instrumento desejado pelo Santo Padre a serviço deste propósito. Durante o Jubileu de Ouro de 2017, à noite, no Circo Máximo, o Santo Padre convidou a todos nós dizendo: “Desejamos um momento de reflexão, de recordação de suas origens; um tempo para deixar para trás todas as coisas acrescentadas pelo egoísmo e transformá-las em escuta e alegre acolhida da ação do Espírito Santo”.

A Renovação hoje é uma força espiritual que permeia a vida de milhões de pessoas através do Batismo individual e da Efusão do Espírito Santo, bem como uma forma organizada de apostolado; também assume tarefas e missões que vão além da autonomia que os fiéis têm para se organizar para evangelizar e buscar a santidade. A Renovação Carismática



Católica, nesse sentido, recebe sua missão da Igreja. De maneira muito específica, é o Santo Padre, o Papa Francisco que, em nossos dias, tem dado indicações claras do que é essa missão. É por causa da missão eclesial investida na Renovação Carismática Católica que o Papa Francisco inspirou a criação do CHARIS. Ademais, é por causa da natureza pública desta missão eclesial que o CHARIS tem sido dotado de personalidade jurídica pública.

### Então, qual é essa missão?

O Santo Padre tem dito à Renovação Carismática Católica que toda a Igreja precisa de sua ajuda para viver

o Evangelho. Quando o Santo Padre fala à Renovação Carismática Católica, ele se dirige ao mesmo tempo a toda e qualquer pessoa que compartilha dessa corrente de graça, e também aqueles que desempenham papéis de liderança, porque todos são responsáveis, cada um de acordo com sua própria situação e função, de como a Renovação serve a Igreja.

O CHARIS é concebido para estar ao serviço de todas estas pessoas e grupos, de modo a ajudá-los a responder a estas expectativas:

- 1) O Santo Padre espera uma conversão pessoal permanente ao amor de Jesus, testemunhado em uma vida alicerçada no Evangelho e consistente com ele.

Para esta conversão pessoal, devemos notar que ela flui do Batismo no Espírito Santo e do encontro pessoal com Cristo. Todos nós sabemos que a adesão ao Evangelho não é, antes de mais nada, um esforço moral de obediência, mas sim, uma disposição de, vez após vez, escolher o discipulado.

- 2) Ele espera que compartilhem com todas as pessoas da Igreja a graça do Batismo no Espírito Santo.

- 3) Ele espera que evangelizemos usando a Palavra de Deus para proclamar que Jesus é o Senhor e que o Seu amor é para todas as pessoas.

Já recordamos de quando o Papa Bento XVI, em 2012, disse-nos que para construir nossa casa na rocha que é a Palavra de Deus (Mt 7, 24-25) é preciso docilidade ao Magistério da Igreja. Ele eleva esse entendimento quando diz na mesma ocasião: “Portanto, é necessário formar consciências à luz da Palavra de Deus e isso confere firmeza e verdadeira maturidade; a Palavra de Deus da qual todo projeto eclesial e humano extrai sentido e impulso, também para edificar a cidade terrena (Sl 127: 1). As almas das instituições devem ser renovadas e a história deve se tornar fértil com as sementes da nova vida”.

Durante o Grande Jubileu do ano 2000, São João Paulo II exortou a Renovação Carismática: “Sempre busquem a Cristo! Busquem-No na meditação da Palavra de Deus, busquem-No nos sacramentos, busquem-No em oração, busquem-No no testemunho de seus irmãos e irmãs”. Em seu convite para voltar ao essencial do que a Renovação recebeu, o Papa Francisco nos exorta a redescobrirmos a Palavra de Deus como nosso primeiro amor. “Nos primeiros dias, costumava-se dizer que vocês carismáticos sempre carregavam uma Bíblia, o Novo Testamento [...] Vocês ainda carregam uma hoje? [...] Se não, voltem para este primeiro amor”.

## O Papa Francisco exorta, portanto, a Renovação a adentrar numa maturidade eclesial cada vez mais profunda em relação à sua identidade e missão

- 4) Ele espera que sejamos um povo de oração e louvor.

- 5) Ele espera que estejamos próximos dos pobres e necessitados.

O Papa Francisco exorta a Renovação a ficar próxima dos pobres. Ele diz: “Em suas carnes vocês tocarão a carne ferida de Cristo”. Embora essa insistência tenha surpreendido algumas pessoas, ela esteve sempre presente no que os Papas pediram à Renovação Carismática Católica. Em 1975, São Paulo VI disse: “Não há limites para o desafio do amor: os pobres, os necessitados, os aflitos e os que sofrem em todo o mundo e perto de vocês, todos clamam



a vocês, como irmãos e irmãs de Cristo, pedindo provas do seu amor, pedindo a Palavra de Deus, pedindo pão, pedindo vida”. São João Paulo II, em 2000, disse: “Sirvam a Cristo nas pessoas próximas a vocês, sirvam-No nos pobres, sirvam-No nas carências e necessidades da Igreja. Deixem-se guiar verdadeiramente pelo Espírito! Amem a Igreja”. Ao amar os pobres, unindo-nos a seus corpos feridos, amamos a Cristo. Além disso, se formos dóceis ao Espírito Santo, podemos decidir dar a esses gestos concretos um significado adicional como gestos de amor à Igreja. Na reunião do Jubileu de Ouro no Circo Máximo, o Papa Francisco lembrou-nos que o testemunho da primeira comunidade Cristã em Jerusalém evidencia que “não havia uma pessoa necessitada entre eles” (At 4, 34), e que o Batismo no Espírito, o louvor e o serviço de nossos irmãos e irmãs estão “indissolúvelmente unidos”.

6) Ele espera que forneçamos um testemunho de ecumenismo espiritual, como algo devido aos nossos irmãos e irmãs em outras Igrejas e Comunidades Eclesiais.

No Circo Máximo, o Papa Francisco identificou a Renovação Carismática Católica como um instrumento de escolha da Igreja em seu esforço ecumênico. É sinal da providência de Deus que a mesma renovação da experiência de Pentecostes tenha surgido em todas as Igrejas e Comunidades Eclesiais. Existe, portanto, uma experiência espiritual compartilhada através da Renovação Carismática para os Cristãos de todas as denominações. A Renovação Carismática é providencialmente colocada como uma experiência que une os cristãos: nasceu como algo ecumênico. No amadurecimento de sua identidade eclesial, a Renovação Carismática Católica é chamada pelo Papa Francisco a participar de sua tarefa, como sucessor de Pedro, de reconciliar Igrejas e

Comunidades Cristãs, “para que todos possam ser um”. Na mesma noite, o Frei Cantalamessa nos recordou que esse caminho ecumênico de amor poderia começar imediatamente: cada pessoa pode fazer isso agora. Ao mesmo tempo, ele continuou, a experiência espiritual compartilhada dos Cristãos em Renovação Carismática fornece um contexto no qual irmãos e irmãs que compartilham o mesmo Espírito podem se esforçar para “falar a verdade no amor” sobre as questões que nos separam e, desta maneira, empenharem-se na direção da unidade cristã. Claramente, com o Papa Francisco envolvendo a Renovação Carismática Católica neste esforço ecumênico institucional, há um ônus sobre o CHARIS no sentido de promover, discernir e ajudar a moldar os termos da participação da Renovação nesse processo. Como já dizia São João Paulo II em 1981: “Estejamos confiantes de que se nos rendermos à obra de genuína renovação no Espírito, este mesmo Espírito Santo trará à luz a estratégia do ecumenismo que conduzirá nossa esperança à realidade” de que todos sejam verdadeiramente um em Cristo.

7) Ele espera que busquemos e promovamos a unidade dentro da Renovação Carismática Católica, porque tal unidade é o sinal do Espírito.

### O Santo Padre tem dito à Renovação Carismática Católica que toda a Igreja precisa de sua ajuda para viver o Evangelho

O CHARIS acompanhará a Renovação enquanto ora e se esforça para deixar o Espírito Santo descer novamente, como em um novo Pentecostes. Paraphraseando o Papa Francisco no Domingo de Pentecostes de 2017: o Espírito descanse em cada pessoa e depois reúna todos juntos em comunhão, dando novos dons a cada pessoa e reunindo todos em unidade, o mesmo Espírito criando unidade e diversidade. É nesta lógica que o CHARIS servirá a Renovação Carismática Católica, a serviço de todas as expressões de Renovação, dando apoio, fornecendo treinamento e formação, ajudando no discernimento, encorajando a missão e assistindo aqueles que servem em todos os níveis a fim de evitar

as tentações recorrentes de buscar diversidade sem unidade e de buscar unidade sem diversidade.

O CHARIS procurará maneiras de encorajar todas as pessoas que compartilham as graças do Batismo no Espírito Santo a aceitar uma responsabilidade pessoal como homens e mulheres de comunhão, onde a renovada experiência do “perdão recebido e perdão dado” torne novos os corações e nos edifique como novas pessoas para o serviço do Senhor. Como Ezequiel profetizou: “Eu te darei um novo coração e porei um novo espírito em ti; Eu removerei de ti teu coração de pedra e te darei um coração de carne. E vou colocar o meu Espírito em ti e mover-te para seguir meus decretos e ter cuidado para manter minhas leis. [...] Tu serás o meu povo e eu serei o teu Deus”(Ez 36, 26-28).

#### Conselhos aos Líderes

Por favor, permitam-me terminar com algumas considerações especificamente para aqueles entre vocês que são líderes na Renovação Carismática Católica. Tomo emprestado vários pontos de São João Paulo II, falando a pessoas como vocês em 1981, pois eles nos ajudam a entender como, dentro do CHARIS, cada um de nós é chamado a ser um servo.

Primeiramente, “O papel do líder é, em primeiro lugar, dar o exemplo da oração [...] com esperança confiante, com solicitude cuidadosa, cabe ao líder garantir que o multiforme patrimônio da vida de oração da Igreja seja conhecido e experimentado por aqueles que buscam a renovação espiritual”.

“Em segundo lugar, vocês devem se preocupar em prover alimento sólido para a nutrição espiritual através do partir do pão da verdadeira doutrina. O amor pela palavra revelada de Deus, escrita sob a direção do Espírito Santo, seja um penhor de seus desejos de ‘permanecerem firmes no Evangelho’ pregado pelos Apóstolos ”[...] Cuidem-se, então, de que como líderes vocês procurem uma sólida formação teológica formatada para assegurar a vocês, e a todos que dependem da orientação de vocês, uma compreensão madura e completa da palavra de Deus. “Deixem a palavra de Cristo, rica como ela é, habitar em vocês. Em sabedoria perfeita, instruíis e admoestai-vos uns aos outros’ (Cl 3, 16-17)”.

“Em terceiro lugar, como líderes na Renovação, vocês devem tomar a iniciativa de construir laços

de confiança e cooperação com os Bispos, que têm a responsabilidade pastoral na providência de Deus para pastorear todo o corpo de Cristo, incluindo a Renovação Carismática. Mesmo quando eles não compartilham com vocês as formas de oração que vocês consideram tão enriquecedoras, eles levarão a sério seus desejos de renovação espiritual para si próprios e para a Igreja”.

### Papa Francisco espera que estejamos próximos dos pobres e necessitados

Por favor, permitam-me um último ponto

Fazendo um balanço do que recebemos e analisando o que deve ser feito para o futuro, verifica-se a exigência de que planejemos uma nova geração de líderes. Uma das funções da boa liderança é a capacidade de se planejar para um momento em que outros devem assumir a linha de frente e, como o Precursor João Batista; devemos diminuir e abrir caminho (Jo 3, 30). Na Igreja, isso é uma exigência saudável, e é por esta razão que os Estatutos do CHARIS incluem referências claras à renovação de nossas equipes de liderança. Na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium, o Papa Francisco refere-se a várias tentações entre aqueles que servem à Igreja. Entre outros pontos, ele fala do desafio de proporcionar aos jovens um sentimento de pertença em nossas comunidades e estruturas. Ele observa que o Espírito Santo “abre novos caminhos para atender às suas expectativas e às suas buscas por uma profunda espiritualidade”, então o desafio para a Renovação Carismática Católica é o de fazer das nossas comunidades existentes lugares onde nós permitamos que os jovens nos conduzam em santidade e missão.

#### Conclusão

Minhas reflexões hoje fizeram pouca menção à Maria, mas quando falamos de vida no Espírito Santo ela raramente está distante. Minha oração para todos nós é que possamos aprender com ela, neste Pentecostes e em todo Pentecostes, como melhor receber o Espírito Santo e nos tornar discípulos. No final das contas, esta é a razão para a existência do CHARIS.

# Pedro, tu me amas?

Homilia do Padre Alexandre Awi Mello na Santa Missa durante a Conferência dos Líderes (sexta-feira, 7 de junho)



Estamos vivendo em um momento histórico para a Igreja universal. O estabelecimento de um serviço único para a Renovação Carismática Católica é muito mais que uma simples “reorganização administrativa”. Não é fruto de um desejo de centralização ou exclusão dos serviços prestados pelo ICCRS e pela Fraternidade Católica.

O nascimento de CHARIS é fruto de uma compreensão profunda da identidade da Renovação Carismática como uma corrente de graça. Um entendimento da própria Igreja, que toma a iniciativa através de seu maior representante, o Santo Padre, para constituir um serviço único para todas as expressões desta corrente de graça, sem excluir ninguém.

## Estamos vivendo em um momento histórico para a Igreja universal

Não foi a Renovação Carismática que pediu ao Papa para criar este serviço. Foi o próprio Papa, no exercício do seu ministério pastoral, da sua solicitude por toda a Igreja, que quis erigir este serviço, para que esta corrente de graça pudesse, por um lado, alcançar a todos e em todos os lugares do mundo, e por outro lado, para que permanecesse aberto ao impulso do Espírito, evitando uma liderança

hierárquica ou seletiva em relação às inúmeras expressões dessa corrente.

O texto do Evangelho que acabamos de ouvir é absolutamente providencial! É um diálogo fantástico entre o Senhor ressuscitado e Pedro, o chefe do colégio apostólico. Estamos participando de uma reunião com importantes líderes da Renovação Carismática de todo o mundo e - como líderes - não é difícil para nós nos colocarmos no lugar de Pedro.

Jesus, através do seu maior representante na terra, o Papa Francisco, nos desafia, desafia os líderes servos da Renovação Carismática Católica no mundo.

O texto é muito rico e, certamente, poderíamos dizer muitas coisas sobre ele, fazer muitas análises exegéticas e espirituais. Muitos de vocês, como leigos batizados, cheios do poder do Espírito Santo, podem pregar muito melhor do que eu. No entanto, com humildade, gostaria de convidá-lo a uma simples reflexão sobre o evangelho. Acredito que nos oferece pelo menos três impulsos importantes.

Primeiro, a única condição para o exercício da liderança é o amor, um amor acima da média: “Pedro, tu me amas mais do que isso?”

Em segundo lugar, a missão que o líder recebe é servir o rebanho; pastorear: “Alimente minhas ovelhas”.

Terceiro, a forma de fazer isso é seguir a vontade de Deus: “outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres... Segue-me.”

O contexto deste discurso de Jesus (os primórdios da Igreja primitiva, na presença dos apóstolos que devem dar continuidade à sua missão) leva-nos a um quarto impulso: o ambiente do exercício desta missão é a comunhão.

### Amor, pastorear, seguir, comunhão

**Amor:** Embora tenha fugido na hora da paixão de Jesus e ele o tenha negado, o Senhor confirmou Pedro como chefe do grupo de apóstolos. Jesus não lhe deu uma bronca, ele não “jogou na cara de Pedro” que ele havia prometido permanecer fiel, mas acabou traindo-o. Jesus fez uma única pergunta: “Tu me amas?” Para Jesus, a única coisa que importava para confirmar a autoridade de Pedro era o amor! Isso é tudo que importa.

No entanto, uma palavra às vezes não é notada: “Tu me amas mais do que isso?” Como testemunho pessoal, posso dizer que uma vez, essa palavra me “quebrou” durante um retiro iniciano: Jesus me pediu para amá-lo mais do que aqueles a quem ele confiou a mim. Porque eu sabia disso, eu amo menos do que muitas mães, pais e avós, menos do que tantos jovens que vêm a mim para uma conversa ou uma confissão! No entanto, o convite permanece:

Para alimentar minhas ovelhas, convido-vos a amar-me mais que estas. Servir, ser líder servo significa amar mais! Nossa única competição deve ser: quem ama mais, quem serve mais? E nunca: quem governa mais, quem tem mais poder, quem é mais proeminente!

## Comunhão é uma “salada de frutas”, não um “milkshake”

**Pastorear:** o convite de Jesus é ser pastor. “Alimente minhas ovelhas!” Além disso, do evangelho sabemos que ser pastor significa cuidar, conhecer pelo nome, dar a vida ao rebanho. Ser um líder é sempre uma função do serviço. A criação do CHARIS - não como um organismo de governo, mas de serviço - torna ainda mais clara a essência de sua missão: servir a Renovação Carismática Católica em todo o mundo, pastorear e testemunhar, dar-se generosamente, conhecer e chamar pelo nome todas as ovelhas do rebanho (sem excluir ninguém).

Você já recebeu o derramamento do Espírito Santo? Então você participa da “corrente de graça”! Não é missão do CHARIS - nem de mais ninguém - dizer que esse grupo, essa pessoa, essa iniciativa é da



Renovação Carismática ou não! Não é missão do CHARIS - nem de qualquer serviço na Renovação Carismática - ser juiz ou falar “em nome da Renovação Carismática”. A Renovação Carismática Católica não é um movimento; não tem estrutura de governança. As comunidades e grupos dentro da corrente da graça podem ter uma estrutura, mas a corrente da graça não.

**Seguir:** Obediência, em primeiro lugar é o Espírito Santo, que se manifesta na Igreja. A natureza eclesial deve continuar a ser uma nota característica da Renovação Carismática. Daí a importância de seguir o Papa, a cabeça visível da comunhão eclesial.

Eu sei que para muitos de vocês o CHARIS veio como um “corpo estranho”, algo que você nem procurou nem desejou. “outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres... Siga-me”.

No entanto, você abriu seus corações para essa graça, para essa “surpresa do Espírito”. Porque foi um pedido explícito do Santo Padre. Porque também responde ao espírito original da Renovação Carismática, expresso nos Documentos de Malines: uma corrente de graça, um fruto do derramamento do Espírito, que é ecumênico, caridoso, isto é, aberto a todos os que recebem esse derramamento, aberta a cristãos não católicos, abertos ao serviço aos mais pobres.

**Comunhão:** CHARIS é um serviço de comunhão. Sua missão é “estender a tenda”, isto é, ajudar todos os carismáticos a sentirem-se “dentro” dessa corrente de graça. A comunhão é unidade na diversidade! Não é uniformidade. Como eu costumava dizer quando era pastor de jovens, a comunhão é uma “salada de frutas”, não um “milkshake”. Na saladinha de frutas, cada fruta mantém seu sabor, seu contexto, sua forma, e cada um contribui para o todo com o que é adequado a ele. No “milkshake”, o sabor de cada coisa não é bem identificado. Começamos a discutir “acho que há pêra”; o outro diz: “Não, é maçã” ou até “parece que há banana” ... A uniformidade mata a originalidade. Pense na diversidade dos apóstolos (Pedro e Paulo eram quase como água e óleo!). Pense na diversidade das igrejas fundadas por eles. No entanto, todos procuraram viver em

comunhão com a Igreja Matriz de Jerusalém (e depois com a Igreja de Roma).

Há líderes que só defendem a unidade quando isso significa união com ela, quando a união significa fazer as coisas do meu próprio jeito! Eles falam de comunhão para disfarçar seu desejo de poder e controle, de ter todos “unidos”, em “comunhão” com ele. Mas também há líderes que aproveitam o discurso da diversidade para buscar espaços de poder, que não possuíam até então.

CHARIS, porque não é uma estrutura de governo (nem de poder), coloca necessariamente a ênfase na diversidade: comunhão de diversas realidades. Todas as expressões - grupos de oração, comunidades, escolas de evangelização, meios de comunicação de massa, grandes e pequenos, com reconhecimento pontifício ou diocesano - todos com o mesmo direito de serem servidos e com o mesmo dever de servir à humanidade e ao mundo inteiro. Todos com o dever de respeitar o “Espírito que sopra onde quer e como quer”.

Deus queria que Maria fosse repleta pelo poder

do Espírito Santo, não só na Anunciação para se tornar a Mãe de Jesus, mas também especialmente no Cenáculo...

- no Cenáculo - para se tornar a Mãe da Igreja. Ela, que estava cheia do Espírito, é quem implora este mesmo Espírito de amor, pastoreamento, seguimento e comunhão não só pela Igreja nascente, mas também por nós, reunidos aqui nestes dias de Cenáculo.

Amanhã, com o encorajamento do Santo Padre e a vigília do Pentecostes, Deus quer nos enviar para o mundo, tendo sido transformado de como éramos quando começamos.

Maria nos ajude em nossa conversão: para que amemos mais ao Senhor, sirvamos melhor ao seu rebanho, sigamos mais fielmente a sua Palavra e cultivemos verdadeiramente a comunhão (unidade na diversidade), como parte dessa corrente de graças chamada Renovação Carismática.

Que Maria, a Mulher cheia do Espírito Santo e Rainha dos Apóstolos, interceda por nós. Amém.

## CHARIS

**é um serviço de comunhão. Sua missão é “estender a tenda”, isto é, ajudar todos os carismáticos a sentirem-se “dentro” dessa corrente de graça**



Pe. Raniero Cantalamessa, OFM Cap

# A Renovação Carismática Católica Uma corrente de graça para toda a igreja

Parto da convicção, compartilhada por todos nós e frequentemente repetida pelo Papa Francisco, de que a Renovação Carismática Católica (RCC) é “uma corrente de graça para toda a Igreja”. Se a RCC é uma corrente de graça para toda a Igreja, temos o dever de explicar a nós mesmos e à Igreja em que consiste esta corrente de graça e porque ela é destinada e necessária a toda a Igreja. Explicar, brevemente, o que somos e o que oferecemos – melhor, o que Deus oferece – à Igreja com esta corrente de graça.

Até o momento não estivemos em condições – nem podíamos estar – de dizer com clareza o que é a Renovação Carismática. É necessário, portanto, experimentar uma forma de vida antes de poder defini-la. Assim aconteceu sempre no passado, por ocasião do aparecimento de novas formas de vida cristã. Pobres daqueles movimentos e ordens religiosos que nascem com tantas regras e constituições estabelecidas minuciosamente desde o início, para depois colocá-las em prática

como um protocolo a ser seguido. É a vida que, progredindo, adquire uma fisionomia e se dá uma regra, como o rio que, avançando, cava seu próprio leito.

Devemos reconhecer que, até o momento, temos dado à Igreja ideias e representações da Renovação Carismática diferentes e, às vezes, contraditórias. Bastaria fazer uma breve sondagem entre as pessoas que vivem fora dela para nos darmos conta da confusão que reina acerca da identidade da Renovação Carismática.

Para alguns, ela é um movimento de “entusiastas”, não diverso dos movimentos “entusiastas e iluminados” do passado, o povo do Aleluia, das mãos erguidas, que rezam e cantam em uma linguagem incompreensível, um fenômeno, no fim das contas, emocional e superficial. Posso afirmá-lo, com conhecimento de causa, pois eu também fui, por certo tempo, daqueles que pensavam assim. Para outros, ela é identificada com pessoas



que fazem orações de cura e realizam exorcismos; para outros, ainda, trata-se de uma “infiltração” protestante e pentecostal na Igreja católica. Na melhor das hipóteses, a Renovação Carismática é vista como uma realidade à qual se pode confiar tantas coisas na paróquia, mas com a qual é melhor não se envolver. Como alguém disse, ama-se os frutos da Renovação, mas não a árvore.

Após 50 anos de vida e de experiência, e por ocasião da inauguração do novo organismo de serviço, a CHARIS, talvez tenha chegado o momento de tentar fazer uma releitura desta realidade e dar-lhe uma definição, ainda que não definitiva, estando o seu caminho por nada concluído.

Acredito que a essência desta corrente de graça esteja providencialmente contida em seu nome “Renovação Carismática”, desde que se compreenda o verdadeiro significado destas duas palavras. É o que me proponho a fazer, dedicando a primeira parte da minha exposição ao substantivo “Renovação” e a segunda parte ao adjetivo “carismática”.

### PRIMEIRA PARTE: “RENOVAÇÃO”

É necessário fazer uma premissa de caráter geral para entender a relação que existe entre o substantivo “renovação” e o adjetivo “carismático”, e o que cada um deles representa.

Na Bíblia, emergem claramente dois modos de operar do Espírito de Deus. Há, primeiramente, o modo que podemos chamar de carismático. Este consiste no fato de que o Espírito de Deus vem sobre algumas pessoas, em circunstâncias particulares, e lhes confere dons e capacidades além do alcance

humano para desempenhar a tarefa que Deus espera delas.[1] A característica deste modo de operar do Espírito de Deus é que ele é dado a uma pessoa, mas não para a própria pessoa, para torná-la mais agradável a Deus, mas, antes, pelo bem da comunidade, para o serviço. Alguns daqueles que no Antigo Testamento recebem estes dons acabarão por levar uma vida totalmente diversa do que conforme à vontade de Deus.

Apenas num segundo momento, praticamente após o exílio, inicia-se a falar de um modo diverso de operar do Espírito de Deus, um modo que, em seguida, chamar-se-á ação santificadora do Espírito (2Ts 2,13). Pela primeira vez, no Salmo 51, o Espírito é definido “santo”: “não retireis de mim o vosso Santo Espírito”. O testemunho mais claro é a profecia de Ezequiel 36,26-27:

Eu vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós. Arrancarei do vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne; porei o meu espírito dentro de vós e farei com que sigais a minha lei e cuideis de observar os meus mandamentos.

### O carisma não é dado por causa, ou em vista, da santidade de uma pessoa, mas é verdade também que ele não se mantém são e, até mesmo, corrompe-se e acaba por provocar danos, se não repousa no terreno de uma santidade pessoal

A novidade deste modo de agir do Espírito é que ele vem sobre uma pessoa e permanece nela, e a transforma desde dentro, dando-lhe um coração novo e uma capacidade nova de observar a lei. Em seguida, a teologia chamará o primeiro modo de agir do Espírito “*gratia gratis data*”, dom gratuito, e o segundo, “*gratia gratum faciens*”, graça que torna agradável a Deus.

Passando do Antigo ao Novo Testamento, este duplice modo de agir do Espírito se torna ainda

mais claro. Basta ler primeiramente o capítulo 12 da Primeira Carta aos Coríntios, onde se fala de todo tipo de carismas, e depois passar ao capítulo sucessivo, o 13, onde se fala de um dom único, igual e necessário para todos, que é a caridade. Esta caridade é “o amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo” (Rm 5,5), o amor – assim o define Santo Tomás de Aquino – “com o qual Deus nos ama e com o qual nos torna capazes de amá-lo e os irmãos”[2].

A relação entre a obra santificadora do Espírito e a sua ação carismática é vista por Paulo como a relação que existe entre o ser e o agir e como a relação que existe entre a unidade e a diversidade na Igreja. A ação santificadora se refere ao ser do cristão, os carismas se referem ao agir, são para o serviço (1Cor 12,7; 1Pd 4,10); a primeira coisa funda a unidade da Igreja, a segunda, a variedade das suas funções. Sobre isso, basta ler Efésios 4, 4-13. Neste, o Apóstolo expõe primeiramente o que funda o ser do cristão e a unidade de todos os fiéis: um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, para passar a falar da “graça dada a cada um conforme a medida do dom de Cristo”: apóstolos, evangelistas, mestres...

O Apóstolo não se limita a pôr em evidência os dois modos de operar do Espírito, mas afirma também a prioridade absoluta da ação santificadora sobre a ação carismática. O agir depende do ser (agere sequitur esse), não o contrário. Paulo aborda brevemente a maioria dos carismas – falar todas as línguas, possuir o dom da profecia, conhecer todos os mistérios, distribuir tudo aos pobres – e conclui que, sem a caridade, não serviriam a nada a quem os exerce, ainda que possam servir a quem os recebe.

É verdade que o carisma não é dado por causa, ou em vista, da santidade de uma pessoa, mas é verdade também que ele não se mantém são e, até mesmo, corrompe-se e acaba por provocar danos, se não repousa no terreno de uma santidade pessoal. Apelar à prioridade da obra santificadora do Espírito sobre a carismática é a contribuição específica que a RCC pode trazer ao movimento evangélico e pentecostal, os quais – é bom recordá-lo – tiveram entre suas matrizes o chamado “movimento de santidade” (Holiness movement).

Tudo o que eu disse sobre a ação renovadora e santificadora do Espírito está contido no substantivo “Renovação”. Por que justamente este termo? Por que chamamos “Seminário de vida nova no Espírito”

o instrumento com o qual nos preparávamos para receber o batismo no Espírito? A ideia de novidade acompanha do início ao fim a revelação da ação santificadora do Espírito. Já em Ezequiel, fala-se de um “Espírito novo”. João fala de um “nascer de novo da água e do Espírito” (Jo 3,5). Mas é sobretudo São Paulo que vê na “novidade” o que caracteriza toda a “nova aliança” (2Cor 3,6). Ele define o fiel como “homem novo” (Ef 2,15; 4,24) e o batismo como “um banho de renovação no Espírito Santo” (Tt 3,5).

### O cristianismo, diferentemente de qualquer outra religião, não começa dizendo aos homens o que devem fazer para salvarem-se; começa dizendo o que Deus fez, em Cristo Jesus, para salvá-los

O que deve ser imediatamente posto às claras é que esta vida nova é a vida trazida por Cristo. É ele que, ressurgindo da morte, deu-nos a possibilidade, graças ao nosso batismo, de “levarmos uma vida nova” (Rm 6,4). Ela é, portanto, dom, antes que um dever, um “fato”, antes que um “deve ser feito”. Sobre este ponto, faz-se necessária uma revolução copernicana na mentalidade comum do fiel católico (não na doutrina oficial da Igreja!), e é esta uma das contribuições mais importantes que a Renovação Carismática pode dar – e, em parte, já tem dado – à vida da Igreja. Por séculos, insistiu-se tanto na moral, no dever, no deve ser feito para conquistar a vida eterna, a ponto de se inverter a relação e se pôr o dever antes do dom, fazendo da graça o efeito, ao invés da causa, das nossas boas obras.

A Renovação Carismática, concretamente o batismo no Espírito, operou dentro de mim aquela revolução copernicana de que falei, e, por isso, estou intimamente convencido de que ela pode operá-la em toda a Igreja. E é a revolução da qual depende a possibilidade de reevangelizar o mundo pós-cristão. A fé desabrocha na presença do kerygma, não na presença da didaché, ou seja, não na presença da teologia, da apologética, da moral. Estas coisas são necessárias para “formar” a fé e levá-la à perfeição da caridade, mas não estão em condições de gerá-la. O cristianismo, diferentemente de qualquer outra religião, não começa dizendo aos homens o que devem fazer para salvarem-se; começa dizendo

o que Deus fez, em Cristo Jesus, para salvá-los. É a religião da graça.

Não há o perigo de que, deste modo, caia-se no “quietismo”, esquecendo o empenho para a aquisição das virtudes. A Escritura e a experiência não deixam margem neste ponto: o sinal mais certo da presença do Espírito de Cristo não são os carismas, mas os “frutos do Espírito”. A RCC deve, antes, guardar-se de um outro perigo: aquele do qual São Paulo reprova os Gálatas, “depois de ter começado pelo espírito, querer terminar pela carne” (cf. Gl 3,3), ou seja, de voltar a um velho legalismo e moralismo, que seria a exata antítese do que se entende por “Renovação”. Existe, é verdade, também o perigo oposto, de fazer da liberdade “um pretexto para servir à carne” (Gl 5,13), mas este é mais facilmente reconhecível.

### Em que consiste a vida nova no Espírito

Mas agora chegou o momento de descer mais ao concreto, e ver em que consiste e como se manifesta a vida nova no Espírito, e, portanto, em que consiste a verdadeira “Renovação”. Apoiamo-nos em São Paulo e, mais precisamente, na sua Carta aos Romanos, pois é aí que, quase programaticamente, são expostos os seus elementos constitutivos.

#### *Uma vida vivida na lei do Espírito*

A vida nova é, primeiramente, uma vida vivida “na lei do Espírito”.

“Não há mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. Pois a lei do Espírito que dá a vida em Jesus Cristo te libertou da lei do pecado e da morte” (Rm 8,1-2).

Não se entende o que significa a expressão “lei do Espírito”, se não a partir do evento de Pentecostes.



No Antigo Testamento, existiam duas interpretações fundamentais da festa de Pentecostes. No início, Pentecostes era a festa da colheita (cf. Nm 28,26ss), quando se oferecia a Deus as primícias do trigo (cf. Ex 23,16; Dt 16,9). Mas, sucessivamente, e certamente no tempo de Jesus, a festa se enriquecera de um novo significado. Era a festa que recordava a outorga

## O Espírito Santo escreveu a nova lei em nossos corações, infundindo neles o amor

da lei no Monte Sinai e a aliança estabelecida entre Deus e o seu povo; a festa, enfim, que comemorava os acontecimentos descritos em Ex 19-20. “Este dia da festa das semanas – reza um texto da atual liturgia hebraica de Pentecostes (Shavuot) – é o tempo do dom da nossa Torá”.

Parece que São Lucas tenha deliberadamente descrito a descida do Espírito Santo com os traços que marcaram a teofania do Sinai; usa, de fato, imagens que remetem às do terremoto e do fogo. A liturgia da Igreja confirma esta interpretação, a partir do momento em que insere Ex 19 entre as leituras da vigília de Pentecostes.

O que vem a nos dizer, sobre nosso Pentecostes, esta aproximação? O que significa, em outras palavras, o fato de que o Espírito Santo desce sobre a Igreja justamente no dia em que Israel recordava o dom da lei e da aliança? Já Santo Agostinho se fazia esta pergunta e dava a seguinte resposta. Cinquenta dias após a imolação do cordeiro no Egito, no monte Sinai, o dedo de Deus escreveu a lei de Deus em tábuas de pedra, e eis que, cinquenta dias depois da imolação do verdadeiro Cordeiro de Deus, que é Cristo, novamente o dedo de Deus, o Espírito Santo, escreveu a lei; mas desta vez não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne dos corações[3].

Esta interpretação se fundamenta, ela mesma, na afirmação de Paulo que define a comunidade da nova aliança como uma “carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, gravada

não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, dos corações” (cf. 2Cor 3,3).

De um lance, iluminam-se as profecias de Jeremias e de Ezequiel sobre a nova aliança: “Esta será a aliança que concluirei com a casa de Israel, depois desses dias, diz o Senhor: imprimirei minha lei em suas entranhas, e hei de inscrevê-la em seu coração; serei seu Deus e eles serão meu povo” (Jr 31,33). Não mais em tábuas de pedra, mas nos corações; não mais uma lei exterior, mas uma lei interior.

Como age, concretamente, esta nova lei, que é o Espírito, e em que sentido pode-se chamar de “lei”? Age através do amor! A nova lei é o que Jesus chama de “mandamento novo” (Jo 13,34). O Espírito Santo escreveu a nova lei em nossos corações, infundindo neles o amor: “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5). Este amor, explicou-nos Santo Tomás, é o amor com o qual Deus nos ama e com o qual, contemporaneamente, faz com que nós possamos amá-lo em resposta e amar o próximo. É uma capacidade nova de amar.

Há dois modos com os quais o homem pode ser induzido a fazer, ou a não fazer, uma certa coisa: ou por coerção ou por atração; a lei exterior o induz do primeiro modo, por coerção, com a ameaça do castigo; o amor o induz do segundo modo, por atração. Cada um, de fato, é atraído por aquilo que ama, sem que sofra qualquer coerção do exterior. A vida cristã deve ser vivida por atração, não por coerção, por amor, não por temor.

#### *Uma vida de filhos de Deus*

Em segundo lugar a vida nova no Espírito é uma vida de filhos de Deus. Escreve ainda o Apóstolo:

“Todos aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. De fato, vós não recebestes um espírito de escravos, para recairdes no medo, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, no qual todos nós clamamos: Abá – ó Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito para nos atestar que somos filhos de Deus” (Rm 8,14-16).

Esta é uma ideia central da mensagem de Jesus e de todo o Novo Testamento. Graças ao batismo que nos enxertou em Cristo, nós nos tornamos filhos no Filho. O que, portanto, pode trazer de novo a Renovação Carismática neste campo? Algo importantíssimo, isto é, a descoberta e a tomada de consciência existencial da paternidade de Deus, o que tem feito

cair em lágrimas mais de uma pessoa no momento do batismo no Espírito. De direito, nós somos filhos pelo batismo, mas, de fato, nós nos tornamos graças a uma ação do Espírito Santo que continua na vida.

Nasce o sentimento filial. Deus, de patrão, torna-se pai. Este é o momento radioso no qual exclama-se, pela primeira vez, com todo o impulso do coração: Abá, meu Pai! É um dos efeitos mais frequentes do batismo no Espírito. Lembro de uma senhora idosa de Milão que, recebido o batismo no Espírito, saía dizendo a todos os que encontrava em seu grupo: “Sinto-me uma criança, sinto-me uma criança! Descobri que tenho Deus como papai!”. Experimentar a paternidade de Deus significa fazer a experiência do seu infinito amor e da sua misericórdia.

#### *Uma vida no senhorio de Cristo*

Enfim, a vida nova é uma vida no Senhorio de Cristo. Escreve o Apóstolo:

“Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, no teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rm 10,9).

E, de novo, logo depois, na mesma Carta:

Ninguém dentre nós vive para si mesmo ou morre para si mesmo. Se estamos vivos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Portanto, vivos ou mortos, pertencemos ao Senhor. Cristo morreu e ressuscitou exatamente para isto, para ser o Senhor dos mortos e dos vivos. (Rm 14,7-9).

## Esta redescoberta luminosa de Jesus como Senhor é talvez a mais bela graça que, em nossos tempos, Deus tem concedido à sua Igreja, através da RCC

Este conhecimento especial de Jesus é obra do Espírito Santo: “Ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12,3). O dom mais evidente que eu recebi na ocasião do meu batismo no Espírito foi a descoberta do Senhorio de Cristo. Até então, eu era um estudioso de cristologia, realizava cursos e escrevia livros sobre as doutrinas cristológicas antigas; o Espírito Santo me converteu da cristologia a Cristo. Que emoção ao escutar, em julho de 1977, no estádio

de Kansas City, 40 mil fiéis de várias denominações cristãs cantando: He's Lord, He's Lord. He's risen from the dead and He is Lord. Every knee shall bow, every tongue confess that Jesus Christ is Lord" ("Ele é o Senhor, Ele é o Senhor. Ele ressurgiu dos mortos e Ele é o Senhor. Todo joelho se dobre, toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor", N. do T.). Para mim, até então observador externo da Renovação, aquele canto tinha ressonâncias cósmicas, apelava ao que está nos céus, na terra e abaixo dela. Por que não repetir, em uma ocasião como esta, aquela experiência e proclamar juntos, no canto, o senhorio de Cristo...? Cantemos em inglês, quem souber...

O que há de especial, na proclamação de Jesus como Senhor, que a faz tão diversa e determinante? É que, com ela, não se faz apenas uma profissão de fé, mas se toma uma decisão pessoal. Quem a pronuncia, decide o sentido da sua vida. É como se dissesse: "Tu és o meu Senhor; eu me submeto a ti, eu te reconheço livremente como o meu salvador, o meu chefe, o meu mestre, aquele que tem todos os direitos sobre mim. Eu te entrego com alegria as rédeas da minha vida".

### **Creio que a Renovação Carismática pode ser (e, em parte, tem sido) de grande ajuda para fazer passar as grandes verdades da fé do pensado ao vivido, para fazer passar o Espírito Santo dos livros de teologia à experiência dos fiéis**

Esta redescoberta luminosa de Jesus como Senhor é talvez a mais bela graça que, em nossos tempos, Deus tem concedido à sua Igreja, através da RCC. No início, a proclamação de Jesus como Senhor (Kyrios) foi, para a evangelização, o que a relha é para o arado: aquela espécie de espada que, primeiro, fende o terreno e permite ao arado traçar o sulco. Sobre este ponto, infelizmente, incide uma mudança na passagem do ambiente judaico ao helenístico. No mundo judaico, o título Adonai, Senhor, sozinho, bastava para proclamar a divindade de Cristo. E, de fato, é com ele que, no dia de Pentecostes, Pedro proclama Jesus Cristo ao mundo: "Que todo o

povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes" (At 2,36).

Na pregação aos pagãos, esse título não era mais suficiente. Tantos, a partir do imperador romano, faziam-se chamar de Senhores. Nota-o com tristeza o Apóstolo: "Existem muitos deuses e senhores, para nós, porém, existe um só Senhor, Jesus Cristo" (cf. 1Cor 8,5-6). Já no século III, o título de Senhor não é mais compreendido em seu significado kerigmático; é considerado o título próprio para quem ainda está no estágio de "servo" e do temor, inferior, portanto, ao título de Mestre, que é próprio para o "discípulo" e o amigo[4]. Continuasse, certamente, a falar de Jesus "Senhor", mas este se tornou um título como os outros, ou melhor, mais frequentemente, um dos elementos do nome completo de Cristo: "Nosso Senhor Jesus Cristo". Mas uma coisa é dizer "nosso Senhor Jesus Cristo", outra, dizer: "Jesus Cristo é o nosso Senhor!" (com o ponto de exclamação).

Onde está, em tudo isso, o salto de qualidade que o Espírito Santo nos proporciona fazer no conhecimento de Cristo? Está no fato de que a proclamação de Jesus Senhor é a porta que dá acesso ao conhecimento do Cristo ressuscitado e vivo! Não mais um Cristo personagem, mas pessoa; não mais um conjunto de teses, de dogmas (e das heresias correspondentes), não mais apenas objeto de culto e de memória, mas realidade viva no Espírito. Entre este Jesus vivo e o dos livros e das doudas discussões sobre ele, corre a mesma diferença que há entre o céu verdadeiro e um céu desenhado em uma folha de papel. Se quisermos que a nova evangelização não permaneça um pio desejo, devemos recolocar a "relha" na frente do arado, o kerygma na frente da parênese.

A experiência comum do senhorio de Cristo é também o que mais impele à unidade dos cristãos, como vemos que ocorre aqui, entre nós. Uma das tarefas prioritárias da CHARIS, segundo as indicações do Santo Padre, é justamente a de promover, com todos os meios, esta unidade entre todos os fiéis em Cristo, no respeito recíproco da própria identidade.

#### **Uma corrente de graça para toda a Igreja**

Creio que, neste ponto, esteja claro porque dizemos que a Renovação Carismática é uma corrente de graça para toda a Igreja. Tudo o que a palavra de Deus nos tem revelado sobre a vida

nova em Cristo – uma vida vivida segundo a lei do Espírito, uma vida de filhos de Deus e uma vida no Senhorio de Cristo –, tudo isso não é senão a essência da vida e da santidade cristã. É a vida batismal atuada em plenitude, isto é, não só pensada e acreditada, mas vivida e proposta, e não a algumas almas privilegiadas apenas, mas por todo o povo santo de Deus. Para muitos milhões de fiéis, o batismo no Espírito tem sido a porta que os introduziu a esses esplendores da vida cristã.

Uma das máximas queridas ao Papa Francisco é que "a realidade é superior à ideia"[5], e, portanto, que o vivido é superior ao pensado. Creio que a Renovação Carismática pode ser (e, em parte, tem sido) de grande ajuda para fazer passar as grandes verdades da fé do pensado ao vivido, para fazer passar o Espírito Santo dos livros de teologia à experiência dos fiéis.

São João XXIII concebeu o Concílio Vaticano como a ocasião para um "novo Pentecostes" para a Igreja. O Senhor respondeu a esta oração do Papa além de qualquer expectativa. Mas o que significa "um novo Pentecostes"? Ele não pode consistir apenas em um novo florescimento de carismas, de ministérios, de sinais e prodígios, em um sopro de ar fresco no rosto da Igreja. Estas coisas são o reflexo e o sinal de algo mais profundo. Um novo Pentecostes, para ser realmente tal, deve acontecer na profundidade que nos revelou o Apóstolo; deve renovar o coração da Esposa, não apenas o seu vestido.

Para ser, contudo, a corrente de graça que descrevemos, a Renovação Carismática precisa ela mesma se renovar, e a isso quer contribuir a instituição da CHARIS. "Não se pense – escrevia Orígenes, no século III – que basta se renovar uma única vez; é preciso renovar a mesma novidade: 'Ipsa novitas innovanda est'"[6]. Não há que se surpreender com isso. É o que acontece em todo projeto de Deus no momento em que é colocado nas mãos do homem.

Logo após a minha adesão à Renovação, um dia, em oração, fui tomado por alguns pensamentos. Parecia-me intuir o que o Senhor estava fazendo de novo na Igreja; peguei uma folha de papel e uma caneta e escrevi alguns

pensamentos, dos quais eu mesmo me surpreendi, tão pouco, eram fruto da minha reflexão. Encontram-se publicados em meu livro *La sobria ebbrezza dello Spirito* ("A sóbria embriaguez do Espírito", N. do T.), mas me permito compartilhá-los de novo, pois me parece ser o ponto do qual devemos reiniciar.

### **A Renovação é uma corrente de graça destinada e necessária a toda a Igreja. Resta apenas passar da definição à atuação, dos documentos à vida. E este é o serviço que a CHARIS, em total continuidade com a RCC do passado, é chamada a prestar à Igreja**

"O Pai quer glorificar o seu Filho Jesus Cristo na terra de maneira nova, com uma invenção nova. O Espírito Santo é agente desta glorificação, pois está escrito: 'Ele me glorificará e receberá do que é meu'. Uma vida cristã inteiramente consagrada a Deus, sem fundador, nem regra, nem congregação novos. Fundador: Jesus! Regra: o Evangelho interpretado pelo Espírito Santo! Congregação: a Igreja! Não se preocupar com o amanhã, não querer fazer coisas que permaneçam, não querer erguer organismos reconhecidos que se perpetuem com sucessores... Jesus é um Fundador que nunca morre, por isso, não precisa de sucessores. É preciso deixá-lo sempre fazer coisas novas, também amanhã. O Espírito Santo existirá também amanhã na Igreja!"



## SEGUNDA PARTE: “CARISMÁTICO”

Agora chegou o momento de passar à segunda parte do meu discurso, que será bem mais breve: o que acrescenta o adjetivo “Carismático” ao nome “Renovação”. Antes, contudo, sinto o dever de conceder-lhes uma breve pausa para interromper o esforço de escutar e esticar as pernas. Façamo-lo cantando a primeira estrofe do canto com o qual os irmãos de língua espanhola proclamam o senhorio de Cristo: “Vive Jesús, el Señor” (“Vive Jesus, o Senhor”, N. do T.).

Primeiramente, é importante dizer que “carismático” deve permanecer um adjetivo e jamais se tornar um substantivo. Em outras palavras, deve-se evitar absolutamente, de nossa parte, o uso do termo “os carismáticos”, para indicar as pessoas que fizeram a experiência da Renovação. No caso, use-se a expressão “cristãos renovados”, mas não carismáticos. O uso deste nome suscita justamente ressentimento, pois cria discriminação entre os membros do corpo de Cristo, quase como se alguns fossem dotados de carismas e outros não.

Não quero fazer aqui um ensinamento sobre carismas, dos quais há tantas ocasiões para falar. A minha intenção é mostrar como, também enquanto realidade carismática, a Renovação é uma corrente de graça destinada a toda a Igreja. Para ilustrar esta afirmação, é necessário dar uma rápida olhada na história dos carismas na Igreja.

### É importante dizer que “carismático” deve permanecer um adjetivo e jamais se tornar um substantivo

#### A redescoberta dos carismas no Vaticano II

O que tinha acontecido, na realidade, aos carismas após sua tumultuosa aparição nos inícios da Igreja? Os carismas não tinham desaparecido tanto da vida da Igreja, quanto mais da sua teologia. Se revisitarmos a história da Igreja, tendo em mente as várias listas de carismas do Novo Testamento, devemos concluir que, com exceção talvez do “falar em línguas” e da “interpretação das línguas”, nenhum dos carismas foi completamente perdido.

A história da Igreja é cheia de evangelizadores carismáticos, de dons de sabedoria e de ciência

(basta pensar nos doutores da Igreja), de histórias de curas milagrosas, de homens dotados de espírito de profecia, ou de discernimento dos espíritos, sem falar de dons como visões, arrebatamentos, êxtases, iluminações, também estes contados entre os carismas.

Então, onde está a novidade que nos permite falar de um despertar dos carismas em nossa época? O que estava ausente antes? Os carismas, do seu âmbito próprio da utilidade comum e da “organização da Igreja”, tinham sido progressivamente confinados no âmbito privado e pessoal. Não mais entravam na constituição da Igreja.

Na vida da comunidade cristã primitiva, os carismas não eram fatos privados, eram o que, juntamente com a autoridade apostólica, delineavam a fisionomia da comunidade. Apóstolos e profetas eram as duas forças que, juntas, guiavam a comunidade. Bem cedo, o equilíbrio entre as duas instâncias – a do ofício e a do carisma – rompe-se em vantagem do ofício. O carisma então, passa a ser conferido com a ordenação e vive com ela. Um elemento determinante foi o surgimento das primeiras falsas doutrinas, especialmente as gnósticas. Foi este fato que fez pender sempre mais a agulha da balança para os detentores do ofício, os pastores. Um outro fato foi a crise do movimento profético difundido por Montano na Ásia Menor no século II, que serviu para desacreditar ainda mais um certo tipo de entusiasmo carismático coletivo.

Deste fato fundamental derivam todas as consequências negativas acerca dos carismas. Os carismas são relegados às margens da vida da Igreja. Tem-se notícia, ainda por certo tempo, do persistir, aqui e ali, de alguns deles. Santo Irineu, por exemplo, diz que existem ainda em seu tempo “muitos irmãos na Igreja, que possuem o carisma profético, falam em todas as línguas, revelam as coisas escondidas dos homens, para sua utilidade e expõem os mistérios de Deus”[1]. Mas é um fenômeno que vai diminuindo. Desaparecem sobretudo aqueles carismas que tinham como terreno de exercício o culto e a vida da comunidade: o falar inspirado e glossolalia, os chamados carismas pentecostais. A profecia vem a se reduzir ao carisma do magistério de interpretar autenticamente e infalivelmente a revelação (esta era a definição da profecia nos tratados de eclesiologia que se estudavam a meu tempo).

Busca-se justificar também teologicamente esta situação. Segundo uma teoria frequentemente repetida por São João Crisóstomo e depois, até a vigília do Vaticano II, certos carismas seriam reservados à Igreja em seu “estado nascente”, mas depois teriam “cessado”, como não mais necessários à economia geral da Igreja[2].

Outra consequência inevitável é a clericalização dos carismas. Ligados à santidade pessoal, eles acabam por ser associados quase sempre aos representantes habituais desta santidade: pastores, monges, religiosos. Do âmbito da eclesiologia, os carismas passam ao da hagiografia, isto é, ao estudo da vida dos santos. O lugar dos carismas é tomado pelos “Sete dons do Espírito” que, no início (em Isaías 11) e até a Escolástica, não eram outra coisa senão uma categoria particular de carismas, aqueles prometidos ao rei messiânico e, em seguida, àqueles que têm a tarefa do governo pastoral.

Esta é a situação a que o Concílio Vaticano II quis remediar. Em um dos documentos mais importantes do Vaticano II, lemos o conhecido texto:

“O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios e o adorna com virtudes, mas ‘distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz’ (1Cor 12,11), distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, as quais os tornam aptos e dispostos a tomar diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: ‘a cada qual se concede a manifestação do Espírito em ordem ao bem comum’ (1Cor 12,7). Estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação”[3].

Este texto não é uma nota marginal dentro da eclesiologia do Vaticano II; antes, é sua coroação. É o modo mais claro e mais explícito de afirmar que, ao lado da dimensão hierárquica e institucional, a Igreja tem uma dimensão pneumática e que a primeira está em função e a serviço da segunda. Não é o Espírito que está a serviço da instituição, mas a instituição a serviço do Espírito. Não é verdade, como fazia notar polemicamente o grande eclesiólogo do século XIX Johannes Adam Mohler, que “Deus criou a hierarquia e assim proveu mais que suficientemente às necessidades da Igreja até

o fim do mundo”[4]. Jesus confiou a sua Igreja a Pedro e aos demais apóstolos, mas a confiou antes ainda ao Espírito Santo: “Ele vos ensinará, ele vos conduzirá à verdade, ele receberá do que é meu e vo-lo anunciará...” (cf. Jo 16,4-15).

A essa altura, concluído o Concílio e reunidos em um volume os seus decretos, o perigo de marginalizar os carismas se reapresentava sob outra forma, não menos perigosa: a de permanecer um belo documento que os estudiosos não se cansam de estudar e os pregadores de citar. O Senhor preveniu, ele mesmo, sobre este perigo, dando a ver com os próprios olhos, àquele que quisera fortemente o texto sobre os carismas, que eles tinham voltado não apenas à teologia, mas também à vida do povo de Deus. Quando, pela primeira vez, em 1973, o Cardeal Leo Suenens, ouviu falar da Renovação Carismática Católica, surgida nos Estados Unidos, estava escrevendo um livro intitulado “O Espírito Santo, nossa esperança”, e eis o que ele conta em suas memórias:

“Parei de escrever o livro. Pensei que fosse uma questão da mais elementar coerência prestar atenção na ação do Espírito Santo, porquanto ela pudesse se manifestar de modo surpreendente. Eu estava particularmente interessado na notícia do despertar dos carismas, a partir do momento em que o Concílio tinha invocado um tal despertar”.

E eis o que escreveu após ter constatado com os próprios olhos o que estava acontecendo na Igreja:

“Improvisamente, São Paulo e os Atos dos Apóstolos pareciam se tornar vivos e fazer parte do presente; o que era autenticamente verdadeiro no passado, parecer acontecer de novo sob os nossos olhos. É uma descoberta da verdadeira ação do Espírito Santo que está sempre em ação, como o próprio Jesus prometeu. Ele mantém a sua palavra. É de novo uma explosão do Espírito de Pentecostes, uma alegria que tinha se tornado desconhecida para a Igreja”[5].

Agora está claro, acredito, porque digo que também como realidade carismática, a Renovação é uma corrente de graça destinada e necessária a toda a Igreja. É a própria Igreja que, no Concílio, definiu-o. Resta apenas passar da definição à atuação, dos documentos à vida. E este é o serviço que a CHARIS, em total continuidade com a RCC do passado, é chamada a prestar à Igreja.

Não se trata somente de fidelidade ao Concílio, mas de fidelidade à própria missão da Igreja. Os carismas, lê-se no texto conciliar, são “proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja” (talvez teria sido mais justo escrever “necessários”, no lugar de “proveitosos”). A fé, hoje, como no tempo de Paulo e dos apóstolos, não se transmite “com discursos persuasivos de sabedoria, mas na manifestação do Espírito e do poder” (cf. 1Cor 2,4-5; 1Ts 1,5). Se, há um tempo, em um mundo que se tornou, pelo menos oficialmente, “cristão”, podia-se pensar que não havia mais necessidade de carismas, de sinais e prodígios, como no início da Igreja, hoje não mais. Nós voltamos a estar mais próximos ao tempo dos apóstolos do que ao de São João Crisóstomo. Eles deviam anunciar o Evangelho a um mundo pré-cristão; nós, pelo menos no ocidente, a um mundo pós-cristão.

Eu disse até aqui que a RCC é uma corrente de graça necessária a toda a Igreja Católica. Devo acrescentar que ela o é duplamente para algumas igrejas nacionais que assistem há tempos a uma dolorosa hemorragia dos próprios fiéis rumo a outras realidades carismáticas. É bem conhecido que um dos motivos mais comuns de tal êxodo é a necessidade de uma expressão da fé que mais responda à própria cultura: com mais espaço dado à espontaneidade, à alegria e ao corpo; uma vida de fé em que a religiosidade popular seja um valor acrescentado e não um substitutivo do senhorio de Cristo.

Fazem-se análises pastorais e sociológicas do fenômeno[6] e se especulam remédios, mas se tem dificuldade em dar-se conta de que o Espírito Santo já proveu, de maneira grandiosa, a esta necessidade. Não se pode mais continuar a ver a RCC como parte do problema do êxodo dos católicos, ao invés de solução do problema. Para que este remédio seja realmente eficaz, não basta, contudo, que os pastores aprovem e encorajem a RCC, permanecendo acuradamente fora dela. É preciso acolher na própria vida a corrente de graça. A isso nos impulsiona o exemplo do Pastor da Igreja universal, também com a instituição da CHARIS.

Não pretendo prolongar-me além sobre o tema carismas e evangelização. Dele, falou-nos o nosso caro coordenador Jean-Luc e nos falará daqui a

pouco Mary Healy, que, sobre este tema, além de uma excelente formação teológica, possui também uma notável experiência amadurecida na área. Concluo com uma reflexão sobre o exercício dos carismas.

### **Os carismas, sem a instituição, são votados ao caos; a instituição, sem os carismas, é votada ao imobilismo**

Aceno a algumas das posturas ou virtudes que mais diretamente contribuem para manter são o carisma e a fazê-lo servir “para o proveito comum”. A primeira virtude é a obediência. Falamos, neste caso, de obediência sobretudo à instituição, a quem exerce o serviço da autoridade. Os verdadeiros profetas e carismáticos, na história da Igreja católica, mesmo recente, foram aqueles que aceitaram morrer às suas certezas, obedecendo e calando, antes de verem suas propostas e críticas acolhidas pela instituição. Os carismas, sem a instituição, são votados ao caos; a instituição, sem os carismas, é votada ao imobilismo.

A instituição não mortifica o carisma, mas é aquela que assegura ao carisma um futuro e também um... passado. Isto é, preserva-o do esgotar-se em um fogo de palha, e põe à sua disposição toda a experiência do Espírito feita pelas gerações precedentes. É uma benção de Deus que o despertar carismático na Igreja católica tenha nascido com um forte impulso à comunhão com a hierarquia, e que o magistério pontifício tenha reconhecido nele “uma chance para a Igreja” e “os primeiros sinais de uma grande primavera para a cristandade”[7]. Esta obediência nos deveria ser bem mais fácil e indispensável hoje que a autoridade suprema da Igreja não se limita mais a louvar e encorajar a corrente de graça da RCC, mas desposou, com toda evidência, a sua causa e a propõe com insistência a toda a Igreja.

Uma outra virtude vital para um uso construtivo dos carismas é a humildade. Os carismas são operações do Espírito Santo, centelhas do mesmo fogo de Deus confiadas aos homens. Como se consegue não queimar as mãos com ele? Eis a tarefa da humildade.

Ela permite a esta graça de Deus passar e circular dentro da Igreja e dentro da humanidade, sem se dispersar ou se contaminar.

A imagem da “corrente de graça” que se dissipa na massa, inspira-se claramente no mundo da eletricidade. Mas, paralela à técnica da eletricidade, é a técnica do isolante. Mais alta é a tensão e potente a corrente elétrica que passa através de um fio, mais deve ser resistente o isolante que impede à corrente de provocar curtos-circuitos. A humildade é, na RCC e na vida espiritual em geral, o grande isolante que permite à corrente divina da graça passar através de uma pessoa sem se dissipar ou, pior, provocar labaredas de orgulho e de rivalidade. Jesus introduziu o Espírito no mundo humilhando-se e fazendo-se e obediente até a morte; nós poderemos contribuir para difundir o Espírito Santo na Igreja do mesmo modo: permanecendo humildes e obedientes até a morte, a morte do nosso “eu” e do velho homem que está em nós.

Como assistente eclesialístico, procurei dar, com este ensinamento, a minha contribuição para uma correta visão da RCC na história e no presente da Igreja. Serão, porém, o moderador e os membros do comitê internacional a ter que carregar o peso maior deste novo início. A todos eles, exprimo a minha fraterna amizade e a minha incondicional

colaboração, até quando o Senhor me der a força para fazê-lo. A Carta aos Hebreus recomendava aos primeiros cristãos: “Lembra-vos de vossos dirigentes, que vos pregaram a palavra de Deus” (Hb 13,7). Nós devemos fazer o mesmo, recordando com afeto e gratidão aqueles que, por primeiro, viveram e promoveram o novo Pentecostes: Patti Mansfield, Ralph Martin, Steve Clark, Kevin e Dorothy Ranagan e todos os outros que, em seguida, serviram à RCC no ICCRS, na Fraternidade Católica e em outros órgãos de serviço.

Concluo com uma palavra profética que proclamei na primeira vez que me encontrei a pregar na presença de São João Paulo II. É a palavra que o profeta Ageu dirigiu aos chefes e ao povo de Israel no momento em que se preparavam para reconstruir o templo:

“Mas agora, toma coragem, Zorobabel, diz o Senhor, coragem, Josué, filho de Josedec, sumo sacerdote; coragem, povo todo desta terra, diz o Senhor dos exércitos; ponde mãos à obra, pois eu estou convosco” (Ag 2,4).

Coragem, Jean-Luc e membros do comitê; coragem, povo todo da RCC; coragem irmãos e irmãs de outras Igrejas cristãs que estão conosco: “ponde mãos à obra, pois eu estou convosco, diz o Senhor!”



# BEATA IR. RANI MARIA A PRIMEIRA CARISMÁTICA A SER BEATIFICADA



A Ir. Rani Maria, das Irmãs Clarissas Franciscanas, (FCC), nasceu em Kerala e trabalhou como missionária para a libertação e edificação de pessoas pobres e oprimidas, exploradas pelos latifundiários na Diocese de Indore, no Estado de Madhya Pradesh, na Índia, e foi beatificada em Indore em 4 de novembro de 2017.

Enquanto viajava em um ônibus, a Ir. Rani Maria foi brutalmente atacada e esfaqueada até a morte por Samandar Singh em 25 de fevereiro de 1995 como parte de um plano tramado pelos proprietários da região, que estavam descontentes com o trabalho que estava sendo feito pela irmã para libertar os pobres na área onde tais proprietários dominavam. Samantar Singh foi perdoado por sua irmã, a irmã Selmy Paul, que também é uma freira Clarissa, e por toda a sua família. Ele esteve presente na Cerimônia de Beatificação em 14 de fevereiro. O que tocou muitas pessoas foi o modo como a Irmã Rani Maria, que teve 40 ferimentos graves e 14 contusões ocasionados pelo esfaqueamento, continuou a cantar pelo Nome de Jesus mesmo em meio a sua grande dor até expirar, e também pela maneira pela qual toda a família perdoou o assassino, resultando na

experiência de conversão do próprio assassino. Agradecemos e louvamos ao Senhor por isso.

A Ir. Rani Maria lançou de forma bastante proeminente uma ação social depois de ter tido a experiência do batismo no Espírito Santo, durante um encontro realizado para os líderes carismáticos da região Norte da Índia, de 13 a 20 de setembro de 1993. O encontro foi organizado pela Equipe Nacional de Serviço. As pregações foram principalmente sobre a Renovação Carismática Católica, liderança, carismas e intercessão. Para cada um deles, o encontro e o batismo no Espírito Santo foi uma experiência poderosa.

A Ir. Rani Maria foi beatificada como Beata Mártir em 4 de novembro de 2017 em Indore. Durante a Santa Missa, o Cardeal Angelo Amatho S.D.B, Prefeito da Congregação para os Santos, beatificou a Ir. Rani Maria, publicando o decreto oficial da beatificação assinado por sua santidade, o Papa Francisco. A Ir. Rani Maria é a primeira mulher Beata Mártir da Índia.

**Cyril John**  
Membro do Serviço  
Internacional de Comunhão

## O que significa o logo do CHARIS?



Muitas pessoas tem nos perguntado o que o logo do CHARIS significa.

Aqui estão algumas explicações.

O semicírculo azul à direita representa tanto o mundo quanto o manto de Maria que nos protege. Plantada no coração do mundo está a árvore da Cruz que nos salva. A chama é a do Espírito Santo que deve incendiar o mundo pelo Batismo no Espírito que recebemos. Estamos representados acima da chama em um ato de louvor animado pela chama de diversas cores, indicando a universalidade das culturas e os idiomas representativos da Renovação Carismática, difundida em todo o mundo. Quem pode utilizar o logotipo CHARIS? E em que condições?

Para responder a esta pergunta, devemos lembrar que o CHARIS é um serviço. Não há membros. Podemos pertencer à corrente de graça que é a Renovação Carismática Católica. Pode-se dizer “Eu

sou da Renovação” ou “Eu pertenço a tal comunidade da Renovação”. Mas não pode-se dizer “Eu sou do CHARIS” ou “Eu pertenço ao CHARIS” ou “Somos do CHARIS de tal país”. A Renovação Carismática é maior do que o CHARIS, que é apenas um serviço para a Renovação.

Entendida essa premissa, é fácil compreender que o uso do logotipo do CHARIS é restrito às suas próprias estruturas: Serviço Internacional de Comunhão, Serviços Nacionais e Continentais de Comunhão. A colocação do logo do CHARIS como propaganda para um evento deve ser feita em acordo completo com o CHARIS, e também que o evento seja, no mínimo, co-organizado pelo CHARIS.

Da mesma forma, os membros do Serviço Internacional de Comunhão não podem usar o fato de que eles pertencem ao CHARIS, quando associado a eventos pessoais ou a movimentos.



## Formação oferecida pelo CHARIS

CHARIS continua a formação iniciada pelo ICCRS. O conteúdo dos cursos é globalmente idêntico. Os nomes foram mudados para se adequarem à nova realidade:

- LFI torna-se: **CLI - CHARIS Leadership Institute**
- LTC torna-se: **CLC - CHARIS Leadership Course**
- ITC torna-se: **CIC - CHARIS Intercession Course**
- ICS (Escola de Formação sobre Carismas - a mais recente) torna-se: **CCC - CHARIS Charisms Course.**

Mantivemos a sigla em todos os idiomas para manter a consistência.

Você também notará que os banners que identificaram as diferentes escolas de treinamento foram mudados.

Além disso, cada curso fornecido pelo CHARIS incluirá uma explicação da inovação e identidade do CHARIS com a oportunidade de fazer perguntas. CHARIS também quer expandir o corpo docente dos vários cursos oferecidos, contando com a grande experiência das pessoas que ajudaram a construir o treinamento que já rendeu muito fruto.

- Jim MURPHY foi, a seu pedido, substituído como Diretor da Escola de Formação pelo Andres Arango, membro do Serviço Internacional de Comunhão. No entanto, Jim Murphy continua a servir na formação. Agradecemos muito a ele.

- Cyril John, encarregado do CHARIS Intercession Course, permanece na equipe e também é membro do Serviço Internacional de Comunhão. Além do CLI, que só acontece em Roma, se você estiver interessado em um curso de treinamento (CLC, CIC ou CCC) em seu país, entre em contato conosco para mais informações:

[formation@charis.international](mailto:formation@charis.international)

Também convidamos você a visitar nosso site:

[www.charis.international/pt/formation](http://www.charis.international/pt/formation)

Outros projetos, de tamanhos maiores, estão planejados no futuro. Vamos mantê-lo informado nesta revista.

### Próximos cursos

#### **CLC Zambia**

8 – 17 Set 2019

#### **CLC South Korea**

29 Set – 5 Out 2019

#### **CLC New York**

10 – 17 Nov 2019

#### **CLC Bolivia**

2 – 7 Set 2019

### Próximos Instituto

#### **CLI Roma**

6 – 26 Out 2019

**Durante o verão de 2020 (julho/agosto), o CHARIS realizará seu primeiro programa juvenil chamado CLCY:**

**CHARIS LEADERSHIP COURSE  
PARA A JUVENTUDE**

**Local e datas em breve.**